

A FOTOGRAFIA EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO: VALOR INFORMATIVO E PERMANENTE

Resumo: Tratar-se-á de revisão teórica sobre a fotografia enquanto documento permanente e de valor comprobatório, informativo e histórico, recolhida e acumulada em unidades de informação (arquivo, biblioteca, museu). Para além das particularidades inerentes de cada uma dessas unidades, em arquivo o acervo fotográfico é reconhecido como conjunto documental, em biblioteca como coleção, e em museu como peças. A fotografia é um suporte documental que exerce imenso fascínio, por registrar a imagem como ela é e, por ser polissêmica, assim sendo, disponibiliza infinita representação e interpretação. Destacar-se-á estudo acerca da fotografia como documento disseminador de informação, sua relevância e a relação que possui com diversas áreas do conhecimento. Concluir-se-á que, por possuir características específicas, inclusive relacionada ao suporte, a fotografia necessita de distintos tratamentos, a partir de estudos em textos de autores consagrados para a melhor compreensão desse peculiar documento, analisado sob o ponto de vista do arquivo, da biblioteca e do museu.

Sonia Maria Ferreira da Silva
Mestre em Ciência da Informação, Ufba.
email: smfsilva@gmail.com.

Zeny Duarte
Doutora em Letras, Ufba. Professora
Titular (Ufba). Coordenadora do PPGCI /
UFBA. email: zenydu@gmail.com.

Palavras-chave: Fotografia - Arquivos. Fotografia – Documento histórico. Fotografia - Documento permanente.

THE PHOTOGRAPH IN INFORMATION UNITS: PERMANENT AND INFORMATIVE VALUE

Abstract: It will be a theoretical revision on photography as a permanent document of proven value, informative and historical, collected and accumulated in information units (archive, library, museum). In addition to the inherent peculiarities of each of these units, the photographic collection is archived as a documentary set, in a library as a collection, and in a museum as pieces. Photography is a documentary medium that exerts immense fascination, for recording the image as it is and, because it is polysemous, it thus provides infinite representation and interpretation. We will highlight a study about photography as a document disseminating information, its relevance and the relationship it has with several areas of knowledge. It will be concluded that, because it has specific characteristics, including related to the support, photography needs different treatments, based on studies in texts by authors dedicated to the better understanding of this peculiar document, analyzed from the point of view of the archive, The library and the museum.

Keywords: Photography - Archive. Photography - Historical document. Photography - Permanent document.

1 INTRODUÇÃO

A imagem foi um dos primeiros meios de comunicação utilizados pelo homem para registrar o seu cotidiano. Ao longo do tempo essa prática foi se aperfeiçoando e, por volta do século XIX, surge a fotografia, método capaz de reproduzir a imagem no papel.

A fotografia como meio de comunicação tem o objetivo de registrar um fato, resgatar a história de um determinado acontecimento, de um povo. A fotografia é um importante instrumento de pesquisa que retrata o passado para ser mostrado no presente. Esse suporte passa a ser classificado como documento a partir do pós-guerra, período em que ocorre a revolução e explosão documental, momento em que o conceito de documento é ampliado, passando a ser representado por outros tipos de suporte além do papel. Conforme Kossoy (2001, p.31), a partir da revolução documental, o “[...] documento passou a ter um sentido mais amplo podendo ser representado pelo documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou por qualquer outra maneira”.

Na sociedade contemporânea, a imagem como informação torna-se cada vez mais presente, especialmente quando tratada adequadamente, descrita, indexada, conforme métodos e técnicas da organização e representação da informação. Os documentos fotográficos no cenário atual adquirem cada vez mais relevância como objetos de informação e memória.

Esse novo paradigma passa a auxiliar estudos relacionados às várias áreas do conhecimento, funcionando como importante fonte de pesquisa. A fotografia pode ser recolhida em qualquer uma das unidades informacionais tais como : arquivo, biblioteca e museu, fato que aproxima cada vez mais o suporte fotográfico da ciência da informação (CI). Os profissionais da informação nos últimos tempos têm desenvolvido estudos e adaptado teorias existentes na CI com a finalidade de organizar e disponibilizar para pesquisa esse tipo de suporte documental. Assim sendo, Rodrigues (2011, p. 35), afirma que:

A ciência da informação estuda a informação tanto nos aspectos teóricos quanto nos práticos, englobando pesquisa científica e prática profissional. A prática, por sua vez, incluindo a organização, o armazenamento e a recuperação da informação.

A fotografia contém amplas possibilidades de uso e, desde a sua invenção, vem sendo alvo de estudos nas diversas áreas do conhecimento. Muitos são os autores que a analisa e a

inclui a título de ilustração em textos, algumas vezes científicos, outras vezes técnicos, históricos, artísticos, literários ou para simplesmente compreender resultados que somente podem ser alcançados por meios de imagens.

Estamos falando de um suporte documental que exerce imenso fascínio, por registrar a imagem como ela é e, assim, disponibilizar infinidade de representação e interpretação. Falar da fotografia nos leva a teorias relacionadas com várias áreas do conhecimento, a exemplo de estudos acerca da semiótica.

No entanto, neste texto, o foco está na relevância de se compreender a fotografia enquanto documento permanente e de valor comprobatório, informativo e histórico, recolhida e acumulada em unidades de informação (arquivo, biblioteca, museu). Falar de documentos permanentes nos leva a rever determinados conceitos, como organicidade e unicidade.

A primeira, a organicidade, segundo Belloto (2002, p.23), “qualidade pela qual os documentos de arquivo, a despeito de forma, espécie ou tipo, conservam caráter único em função de seu contexto de origem”. Ou seja, o conjunto documental, independentemente do suporte, é convenientemente reunido a serviço do titular (este podendo ser representado por pessoa física ou jurídica), pelo prazer de guardar a própria representação de seus valores, atos, feitos, moda, comportamento, refletindo sua temporalidade, ou por ser acumulado a partir das ações administrativas, jurídicas, históricas, refletindo atividades meios e fins. Tanto de uma parte quanto de outra, estendendo-se posteriormente à leitura e aos interesses de outrem. “É exatamente porque resultantes de uma acumulação natural, necessária e não-gratuita, que os documentos são dotados de organicidade, isto é, da capacidade de refletir a estrutura, funções e atividades da entidade acumuladora.” (HERRERRA, 1991, p.115).

A segunda, unicidade, Belloto (2002, p.23) conceitua como “qualidade pela qual os documentos de arquivo, a despeito de forma, espécie ou tipo, conservam caráter único em função de seu contexto de origem”. Assim sendo, possuem marcas específicas, modificadoras e com características peculiares, à semelhança de outros também acumulados ou por pessoa física ou jurídica. Segundo Duarte (2005, p.43), “cada arquivo representa unidade orgânica e sua organização deve compreendê-lo com sua totalidade de documentos.” Entendemos que não é a forma, o suporte, o tipo, nem o conteúdo informativo que singularizam um documento de arquivo, mas, sim, a sua origem, ou seja, o modo como ele foi produzido, em consequência e no decurso da atividade da entidade produtora. Compreendido o documento de arquivo na sua acepção, facilmente será também perceptível que ele não tem significado enquanto entidade individual ou distante de seus pares. Na realidade, é o contexto orgânico de produção

dos documentos que lhes dá significado próprio que não pode ser deixado de lado. Não entendemos a organização de um arquivo em compartimentos (repartido). Os documentos nascem a partir de ações neles registradas. No geral, essas ações possuem contingências que irão estabelecer o delineamento do arquivo. A especificidade faz com que um arquivo seja diferente do outro. Nele, os documentos possuem unicidade porque se constituem de peças únicas, que, soltas, perdem sentido. A ordenação obedece à tipologia documental e deve refletir a relação orgânica da documentação. Não se pode pensar em arquivo sem pensar em documentos que possuam relacionamentos próprios com as ações e atividades exercidas por quem os acumulou num determinado percurso de vida pessoal e jurídica.

O valor inerente aos documentos decorrente da prova que contêm é chamado de valor probatório e o valor inerente aos documentos devido à informação que contêm é chamado de valor informativo. A informação pode relacionar-se, de modo geral, a pessoas (físicas e jurídicas), coisas ou fenômenos, entre outras ações e não importando o suporte documental.

Quanto à fotografia, o valor probatório se dar no momento em que o documento fotográfico junta-se a outros documentos fotográficos formando dossiê arquivístico, série arquivística a compor acervo possuidor de organicidade e unicidade.

O segundo, informativo é assim considerado pelo imenso potencial proporcionado pela imagem fotográfica aos mais variados interesses temáticos.

Para melhor compreensão, o valor informativo deriva da informação nos documentos relativa aos assuntos que retratam as imagens. No geral, grande parte dos documentos fotográficos são preservados em arquivos permanentes, sobretudo pela informação comprobatória que apresentam sobre pessoas, episódios, fatos, movimentos históricos, culturais e populares, imagens urbana, rural e ambiental, eventos, entre outros temas.

2 A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO

A fotografia é forma de criação de arte modelada, de intervenção na realidade, é instrumento científico e testemunho por vezes único de eventos e representações que lhe dão um lugar de documento social e cultural.

Segundo Kossoy (2001, p.40), "a fotografia é uma representação plástica (forma de expressão visual) indivisivelmente incorporada ao seu suporte e resultante dos procedimentos tecnológicos que a materializam." E, diz, que, "[...] a fotografia, enquanto forma de expressão artística, passou a ocupar espaços cada vez mais importantes, [...] dando margem à abertura de galerias de novas publicações". Por se tratar de registro do passado, a fotografia é processo de fixação de um momento anterior.

Pode-se compreender e verificar o meio informacional proporcionado pelas imagens fotográficas, bem como sua utilidade nos vários ramos do conhecimento. Para isso, é necessário preservá-las, organizá-las e disseminá-las ao público. Portanto, a imagem obtida merece um tratamento adequado para assim ser disponibilizada aos usuários e informar, ampliando o conhecimento preciso de outras realidades.

Consideremos o exemplo da França, que, com a criação do primeiro ateliê de conservação e restauração de fotografias, alcançou a disseminação de uma política de conservação dos fundos fotográficos pertencentes às instituições de Paris. Com isso passou a utilizar fotografias para informar sobre a cultura e história, como afirma Duarte (1999, p.122):

[...] a história da fotografia, não se pode negar a ligação existente entre a origem da fotografia e a cidade de Paris. O seu patrimônio é composto de um conjunto de imagens positivas e negativas variadas e prestigiosas. Esses fundos fotográficos são de riqueza inegável, reportando, sobretudo a história de Paris, sua arquitetura e seus habitantes.

Por outro lado, o aparecimento da fotografia na França, no século XIX, relaciona-se com o mesmo período da propagação da filosofia positivista de Comte, impulsionada pelo conhecimento exato do mundo sensível. Esse conhecimento científico "desmistificador" invadiu o mundo da biologia (Darwin), da medicina experimental (Claude Bernard), da estrutura social (Marx), da revolução industrial, o iluminismo entre outros momentos de transformações nacionais e internacionais.

É imprescindível entender a imagem fotografada, sua diferente dinâmica visual, descrevendo-a da melhor forma para servir de fonte de informação, instrumento de pesquisa, memória de dados, meio de comunicação de resultados a serem transmitidos ao público

interessado. Sabe-se que um dos maiores responsáveis pela deterioração de fotografias é o homem. Contudo, também é quem oferece a esperança e meios de preservá-las para pesquisadores, estudantes, curiosos e demais profissionais, criando recursos técnicos à proteção dos originais e manutenção da memória visual, como a inserção de programas de duplicação. Sobre este método, Mustardo (2001, p.18), diz: “O benefício definitivo de qualquer programa de duplicação encontra-se na ampliação do acesso ao público, pesquisa e publicações de imagens que, de outro modo, estariam inacessíveis”.

O documento fotográfico é histórico-cultural, abrangente e responsável pela disseminação informacional e visual. Kossoy (2001, p. 42) ainda diz:

O objeto-imagem de primeira geração – o original- é essencialmente um objeto museológico, e como tal tem sua importância específica para a história da técnica fotográfica, além de seu valor histórico intrínseco, enquanto o de segunda geração - a reprodução sob os mais diferentes meios - é, em função da multiplicação do conteúdo (particularmente quando publicado), fundamentalmente um instrumento de disseminação da informação histórico-cultural. Daí a importância da organização de arquivos sistematizados de imagens: iconotecas destinadas a preservar e difundir a memória histórica.

Entende-se, a partir de Kossoy, que, para a fotografia alcançar sua função na sociedade, é essencial ser organizada e multiplicada para, assim, tornar-se elemento informacional. Kossoy (2001, p.55) nos remete à importância das imagens documentais para as várias áreas do conhecimento, dizendo:

[...] as imagens que contenham um reconhecido valor documentário são importantes para os estudos específicos nas áreas da arquitetura, antropologia, etnologia, história social e demais ramos do saber, pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural. Trata-se da fotografia enquanto instrumento de pesquisa, prestando-se à descoberta, análise e interpretação da vida histórica.

Com esta revisão, entende-se que a imagem fotográfica é possuidora de valor informacional, documental e histórico, levando-nos ao conhecimento, pois se descobre a cada estudo e interpretação visual grande gama de conhecimento por ela veiculada. A informação gerada, seja ela manuscrita, oral ou visual, deve não apenas informar, mas provocar o repensar de práticas e estruturas sociais, do presente e/ou do passado e, a partir dessa reflexão, a informação organizada e compartilhada auxilia no processo de mudança do indivíduo, enquanto sujeito social em suas questões, naquilo que corresponde a mudança do estoque informacional. Segundo Silva e Ribeiro (2006, p. 24) informação é:

[...] fenômeno humano social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, se emociona, interage com o mundo sensível à sua volta e à comunidade de sujeito que comunicam entre si. Situa-se entre o conhecimento e a comunicação.

Refletindo sobre o texto citado, como fenômeno social, a informação (elemento importante para o homem absorver e transmitir saber) modifica, aprimora o conhecimento do homem e/ou de um grupo social. Ela é gerada por um sujeito, que a registra em algum tipo de suporte informacional e a transforma em conhecimento, para que através de alguma unidade de informação, seja colocada a disposição da sociedade.

A informação é basilar para a estruturação das idéias e ampliação dos estudos sociais. Igualmente, a partir de fontes como a fotografia, pode-se entender o processo evolutivo da sociedade e suas transformações.

Anteriormente a fotografia era reconhecida como produção artística e de cunho jornalístico e, portanto, informativo. Após evolução das técnicas fotográficas e, aliado aos avanços tecnológicos da informação e comunicação, passa a ser fonte de pesquisa e, conseqüentemente, meio de transmissão de conhecimento. Assim sendo, a imagem foi expandida dos jornais e da fotografia artística para compor revistas científicas e técnicas, de entretenimento, de uso médico, odontológico e de outras áreas da saúde. Outras áreas adotaram a fotografia como suporte informacional nas descobertas e avanços das tecnologias da informação, não mais avançando sem o aporte da comunicação visual. Porque, segundo Manini (2010, p.12), “hoje o mundo é imagético”. Complementando,

As novas tecnologias computacionais desenvolveram maiores possibilidades de produção e uso de imagens, permitindo uma hipermediação que consiste na combinação da informação em suas múltiplas dimensões o que potencializou o emprego da fotografia nas diversas áreas do conhecimento. (RODRIGUES, 2007, p.69).

Portanto, a evolução das tecnologias auxiliou a difundir, socializar e apresentar a relevância da fotografia nas diversas áreas do conhecimento, especialmente nos meios de comunicação, nas pesquisas científicas, no ensino, na informação social e cultural.

3 A FOTOGRAFIA NAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO

Na sociedade contemporânea torna-se cada vez mais presente na vida do homem o documento imagético, desde a antiguidade que a imagem assume papel importante nas diversas áreas do conhecimento humano como fonte de informação, responsável pelo registro

de vários fatos importantes ocorridos na sociedade. No meados do século XIX no bojo da revolução industrial surge o documento fotográfico, advento que revolucionou a arte de produzir imagem, no final do séc. XX este advento aliado as novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) e a internet se popularizou, e hoje encontra-se inserido em vários segmentos sociais, culturais e histórico.

A fotografia remete a análise de elementos que foram originados em determinado espaço-tempo num dado momento e conquistou espaço importante na ciência da informação (SONTAG, 1981, p.22). Sendo a mencionada área interdisciplinar, a dialogar com outras disciplinas do conhecimento humano, naturalmente não se detém somente aos estudos da informação produzida pelo documento textual em suporte papel, mas também a informação produzida noutros suportes, a exemplo do suporte fotográfico.

O documento fotográfico é comumente encontrado em estudos da arquivologia, biblioteconomia e museologia (denominada como as “Três Marias”). E, independentemente das particularidades de cada uma dessas instituições documentais possuem, elas possuem o fim similar que é organizar e disseminar a informação, seja qual for o suporte do documento.

Para Smit (2000, p.6) “a expressão “Três Marias” procura demarcar a proximidade das áreas, evidenciando que mesmo em espaços diferentes e com suas particularidades, coletam, processam, e disseminam conteúdos informativos.”

A ciência da informação, objetiva organizar, disseminar a informação registrada em qualquer suporte. E, para melhor compreensão, a informação, levando em conta o pensamento de Silva (2006, p.24),

[...] vem do latim, *informatione*, que denota a dar forma, a formar “*facto, notícia ou qualquer dado do conhecimento, ato de recolher, dar esclarecimento.*” É algo que se pode utilizar e de que deriva o conhecimento, pode ser trocada com o mundo exterior e não simplesmente recebida, exerce efeito sobre o receptor, é utilizada em momentos de tomada de decisões.

Em Le Coadic (1996 p.5) o termo informação é compreendido da seguinte maneira: “o conhecimento inscrito sob a forma escrita, oral ou audiovisual.” A informação comporta um elemento de sentido e é transmitida a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita.

A informação é o conhecimento inscrito que pode ser apresentado em qualquer tipo de suporte seja ele textual, não textual, apresentando dados informacionais que contribuem aos mais variados estudos e ao desenvolvimento intelectual do indivíduo.

Interessa, portanto, neste estudo, compreender como se dá o recolhimento de coleções nas bibliotecas e de peças nos museus e a acumulação de conjuntos documentais nos arquivos e, especificamente, como se estabeleceu a organização da documentação fotográfica nos arquivos, nas bibliotecas e nos museus, tendo em vista a representação da informação e do conhecimento. Os arquivos são unidades informacionais receptoras, ao passo que as bibliotecas e os museus são colecionadoras.

Os registros dizem que até a Idade Média os acervos bibliográficos ou arquivísticos eram armazenados em bibliotecas. Após a invenção da imprensa e duplicação dos documentos, estes tipos de documentos foram separados, e passaram a ser armazenados em unidades informacionais distintas.

Os arquivos como instituição teve origem na antiga civilização grega, a palavra arquivo se originou da palavra archives, de origem grega, que designava o lugar onde os magistrados de Atenas guardavam os documentos de maior interesse para o Estado. Segundo Schellenberg (2006, p.41), arquivo é definido no Oxford English Dictionary como sendo “lugar onde são guardados os documentos públicos e outros documentos de importância [...]”. Já no Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005,p.27) define arquivo “[...] conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma, instituição pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte.”

O documento fotográfico no arquivologia é, por alguns especialistas, caracterizado como documento iconográfico ou documento especial. Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005,p.72) documento iconográfico é, “documento que contém imagens fixas, impressas, desenhadas ou fotografadas, como fotografias e gravuras.”

A biblioteca é a unidade informacional responsável pela guarda de documentos bibliográfico que trate do conhecimento humano, de forma ordenada para estudo, pesquisa e consulta. Normalmente é constituída de coleções temáticas e seus documentos são adquiridos através de compra ou doação, diferentemente dos arquivos, cujos documentos são produzidos ou recebidos pela própria instituição.

O documento fotográfico na biblioteca é considerado especial, ficando desvinculado do restante do acervo bibliográfico. Na biblioteca a fotografia é tratada individualmente, já no arquivo ela é tratada conforme conjunto a que pertence.

O museu é uma instituição de interesse público, criada com a finalidade de conservar, estudar e colocar à disposição do público conjuntos de peças e objetos de valor cultural. O museu tem a mesma característica da biblioteca, a de colecionar e classificar os objetos e torná-lo disponível para a pesquisa e estudo; o acervo do museu serve para atender aos interesses intelectuais, culturais e para o estudo. O documento fotográfico nessa unidade informacional fica disposto em exposição e guardado para pesquisa.

A partir dessa rápida reflexão, podemos concluir dizendo que os acervos fotográficos possuem características peculiares e devem receber tratamentos distintos, considerando a instituição documental responsável pela salvaguarda e disseminação da informação extraída do documento fotográfico.

Nos arquivos, a documentação fotográfica é considerada comprobatória e, desse modo, documentação permanente em conjuntos documentais, devendo ser organizada com base nos princípios arquivísticos, a serem iniciados pela análise documentária, descrição e arranjo, do mesmo modo em que são organizadas as demais séries documentais do arquivo.

Nas bibliotecas, as fotografias são organizadas como documento individual a partir da classificação e da indexação. Nesse caso, as técnicas empregadas dizem respeito as normas biblioteconômicas que são distintas tanto dos procedimentos técnicos adotados pelos arquivos quanto pelos museus.

Nos museus, a fotografia faz parte do acervo como documentos auxiliares dos estudos das coleções. No entanto, em alguns museus a fotografia também pode ser peça de uma coleção fotográfica a ser destinada ao público em museus de coleções em fotografia. Nesse caso, a coleção fotográfica é organizada com base em procedimentos da museologia, seguindo as técnicas de organização de quaisquer coleções de museus.

Após esta resumida reflexão, podemos dizer que, tanto numa instância quanto noutra, a fotografia, ou a documentação fotográfica, ou o acervo fotográfico possuem a mesma destinação por parte das teorias e práticas da arquivologia, biblioteconomia e museologia: a organização da informação para a disseminação e compartilhamento ao público, respeitando a terminologia e métodos inerentes a cada uma das áreas em foco.

4 BREVES CONSIDERAÇÕES

A ciência da informação tem demonstrado interesse pelos documentos imagéticos, admitindo que com o advento da Internet a produção deste tipo de documento tem se ampliado. Com a popularização da Internet, houve um aumento exponencial do acesso ao mundo virtual, para entretenimento e lazer, com isso vale ressaltar a grande importância da presença do profissional da informação, como mediador para além de ser responsável por tratar, descrever, classificar, arranjar e disseminar a informação para torná-la recuperada e acessível de forma mais socializada possível. Manine (2010, p.12), afirma que,

Os profissionais da informação devem se preocupar – também na sua função de formadores de profissionais da informação – com a guinada que aconteceu nas formas de comunicação, onde o visual tomou lugar de destaque. Pode-se deparar, na internet, com sites de hospedagem e compartilhamento de imagens fotográficas, como o Flickr; ou com o programa de edição e busca de fotografias digitais Picasa, e os similares digiKam, F-Spot e iPhoto. Observar o visual com olhos informacionais se torna tarefa premente entre os tratadores de informação, especialmente a informação que será recuperada por historiadores, antropólogos, cientistas e demais pesquisadores. A visualização intensa requer uma também intensa aprendizagem visual documentária [...].

Portanto, o “tratador de informação” é o responsável por descrever o conteúdo da fotografia e é esse mesmo profissional que deve ter habilidade técnica e cognitiva para tornar mais e mais acessível a consulta e a recuperação da informação. Essa é tarefa que depende do elevado nível de compreensão e de análise de conteúdo da imagem, para torná-lo disponível, considerando especificidades de leitura e transmissão de informação e do conhecimento extraído do documento imagético, em contraponto ao tratamento da informação de documento textual.

Comprovamos: a fotografia assumiu um papel muito importante para a construção das imagens, das ideias, do saber, do fazer, do conhecer novos testemunhos, de resguardar e do resgatar, do divulgar e do tentar esconder entrelinhas dos espelhos promovidos pela luz, seja ela de cunho histórico, cultural, informacional, ou familiar. Esse dispositivo, aprovadíssimo pela sociedade desde os idos 1800, retrata a memória coletiva de um povo, cidade, ou acontecimento e ilustra vários tipos de eventos.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BARTHES, R. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BELLOTO, H.L. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do estado/Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2002.

BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMARGO, A. Contribuição para uma abordagem diplomática dos arquivos pessoais. *Revista Estudos Históricos*. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2065/1204>. Acesso em: 28 fevereiro, 2013.

DICIONÁRIO de terminologia arquivística. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros-Núcleo Regional de São Paulo, 1996.

DUARTE, Z. *Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho: estudo arquivístico e catálogo informatizado*. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Bahia, Salvador, Brasil, 1999.

DUARTE, Z.; FARIAS, L. *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Salvador: Instituto de Ciência da Informação\Ufba, 2005.

GOMES, H.F. A função do iconismo na percepção: etapa precursora da construção de conhecimentos e informações. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.6 , n.6, 2005.

HEREDIA HERRERA, A. *Archivística general: teoría y práctica*. 5. ed. actualizada y aumentada. Sevilla: Diputación Provincial de Sevilla, 1991.

KRAUSS, R. *O fotográfico*. São Paulo: Editora G.Gili, Ltda, 2010.

KOSSOY, B. *A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado*. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, SICCT, 1980.

KOSSOY, B. *Fotografia & história*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE COADIC, Y.F. *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

MANINE, M. P. Leitura de informações imagéticas: ajustes ainda necessários ao “novo” paradigma. In Manine, M. P. *Imagem, memória e informação*. Brasília: Ícone Editora e Gráfica, 2010.

MUSTARDO, P. *Preservação de fotografias : métodos básicos de salvaguardar suas*

coleções. 2.ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2010.

PEIRCE, C. *Écrits sur le signe*. Paris: Seuil, (1978).

RODRIGUES, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. *CI.Inf.*, Brasília, v.36, n.3, p. 67-76. 2007.

SCHELLENBERG, T. R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. Tradução de Nilza Teixeira Soares. 6.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SILVA, A. M. A informação. In: *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Lisboa: Apontamentos, 2006.

SIQUEIRA, J. C. A classificação nos domínios das três Marias. *Inf. Inf.*, Londrina, v.16, n.1, p. 36-51, 2011.

SMIT, J. W. Arquivologia, biblioteconomia e museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. Nova Série, São Paulo, v.1, n.2, p. 27-36, 2000.

SONTAG, S. *Ensaio sobre a fotografia*. Trad. Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.